



SR.ª D. REGINA QUINTANILHA a primeira senhora portuguesa que exerce a advocacia, tendo-se estreado brilhantemente ha dias no tribunal da Boa Hora — (Cliché Vasques)

II Série—N.º 405

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 24 de Novembro de 1913

DIRETOR E PROPRIETÁRIO J. J. DA SILVA GRAÇA
EDITOR: JOSÉ JOUBERT CHAVES

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

Assinatura para Portugal, colonias portuguezas e Hespanha:

Redação, administração, offic. de composição e impressão
RUA DO SÉCULO, 43



Trimestre..... 1820 cent. Semestre..... 2840 cent.
Ano..... 4850 cent. Numero aviso. 10 cent.

O homem primitivo
tinha frio
sob as suas peles
de animaes.



Vestido com as malhas
HIGIÉNICAS

do Doutor RASUREL

o homem moderno não teme nem os resfriados nem os reumatismos.

Compostas d'uma mistura de lã d'Austrália e de fibras de turba antiseptica as malhas do Doutor RASUREL são quentes, leves e rigorosamente antisepticas. Conservam em volta do corpo uma temperatura sempre igual, preservando assim dos resfriados e dos reumatismos.

ÚNICOS DEPÓSITARIOS : LISBOA : Casa Pitta, 185, r. Augusta, 197. — PORTO : Casa " Paris no Porto ", 144, r. Sã da Bandeira, 136.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 405

24-11-1913

UM CONSPIRADOR

Ao nosso paiz, onde ha muito tempo se conspira, não podem ser indifferentes as varias fisionomias que, por esse mundo fóra, revestem os conspiradores. Este chama-se Phan Xich Long. Conspirava na Indo-China. Queria sacudir a dominação franceza e proclamar-se rei. Tem dezeseite anos — e acaba de ser condemnado a trabalhos forçados. Quando o prenderam vestia a cabaia dourada dos principes anamitas e estava quasi completamente coberto de joias. Em cada uma d'essas joias havia, aberta a cinzel, uma legenda subversiva. Simplesmente, entretido com os joalheiros, Phan Xich Long esqueceu-se de organizar o movimento revolucionario. Julgou que bastava constelar-se de diamantes e mandar pôr oito bombas de dinamite nas ruas de Saigon para fazer uma revolução. O moço anamita deve ser um caso vulgar de paranoia ambiciosa. *L'histoire utilise les fous.*

POLITICA

As ultimas eleições constituiram para o governo um ruído triumpho. As opposições, como é natural, interpretam os factos de forma a atenuar-lhes a significação e o valor. Pelo contrario, os elementos afetos ao governo explicam a extensão imprevista da victoria pela inópia das opposições. A verdade é que o paiz, a grande massa da nação, só comprehende, por enquanto, uma opposição ao actual governo: é a opposição monarchica. Os partidos politicos, dentro da Republica, ainda não se caracteriza-

ram nem se estremeram tão fortemente pelas suas idéas, pelas suas aspirações, pelos seus programas, que o paiz se costumasse a individualisá-las e a distingui-las. As opposições, por enquanto, não podem deixar de ser artificiaes, e, por conseguinte, fracas. A verdadeira opposição republicana ainda não existe de facto. A grande massa indifferente não distingue, não comprehende

de ainda em volta de que principios opostos, de que idéas diferentes se organizaram, se sistematisaram os tres partidos republicanos. Vê apenas tres homens,—e ainda é cedo para deixar de vêr, n'esses tres homens, a mesma Republica. Dando força ao que governa — o paiz cumpriu o seu dever.

MÃOS

Algurs medicos denunciaram á policia um homem por exercicio ilegal da medicina. O pobre diabo foi preso,—e acaba de ser afluado. Ora provando-se que o homem trata todas as doencas indifferente mente pela opposição e pelo contacto das mãos; que não pôde ter, por conseguinte, na sua consciencia clinicamente branca, nem erros de diagnostico, nem equívocos de receituário, nem excessos

de industria operatória,—é forçoso concluir que os seus processos de tratamento, ainda quando não sejam eficazes, são, pelo menos, inofensivos. A chirotherapia é um contacto. A chirotherapia é quasi uma cárcia. E a estabelecer como principio que os



contactos e as caricias constituem exercicio ilegal da medicina,—não haveria mulher bonita que não estivesse amanhã no Aljube.

CAVALARIA RUSTICANA

Quando dois elegantes se desafiam para um duelo e se batem ao sabre ou á espada franceza,—a policia consente, a sociedade aplaude. São, para todos os efeitos, dois homens honrados. Quando dois populares, por motivo ás vezes tão digno, ou mais digno ainda, se



provocam á navalha e se esfaqueiam peito a peito, corpo a corpo,—a policia persegue-os, a sociedade horrorisa-se. São, para todos os efeitos, dois criminosos. Não comprehendo hem porquê. Porque são povo? Não me parece justo que só ao povo se conteste o direito de dirimir, a sangue, os seus pontos de honra. Porque a navalha não é uma arma nobre? Mas,



pelo amor de Deus!—isso é *viens jeu*. Não ha armas nobres nem armas infames. E' nobre toda a arma que fere por uma causa justa ou por um sentimento grande. E o que é positivo, é que dois homens precisam de uma dose vinte vezes maior de bravura para se bater corpo a corpo á navalha—do que para se arranhar a distancia, á espada franceza.

JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo)

UMA

LICÇÃO DE MORAL

A MANHECIA* quando recolheu a casa, sem alma para reagir. Trazia o aspéto d'um fruto sorvado e caído no chão. Subiu a custo os lanços do seu quinto andar. Maria Adelaide, que já estava á maquina, a coser uma camisa, levantou-se, foi para ele, n'um alvoroço:

—Ah, Manuel! Até que emfim! Supuz que não chegavas.

Manuel deixou-se abraçar, murmurou desalentado:

Perdi o comboio hontem á noite. Tive de esperar na estação até de madrugada.—E sentando-se, e encolhendo os hombros, vergados a um peso excessivo: —E tudo, para quê? Para nada...

Nada? Arranjára ela. Vá, coragem, era preciso coragem—aconselhava Maria Adelaide, de pé, ao seu lado, branca como os lirios, como os lirios desbotada, d'um desbotado macilento de vigília, de fadiga, de constantes privações. E mantendo o tom alvoroçado do momento em que o viu entrar, contou tudo, os esforços da vespera á procura de trabalho, o bom exito d'esses esforços conseguindo-o. Andara muito primeiro, sem resultado. Todos lhe respondiam que não, «que agora não precisavam de bordados». Estava disposta a regressar a casa mais tranzida de dor do que se lhe enchessem o corpo d'alfinetadas. De repente acudiu-lhe uma ideia providencial—e se fosse ao sr. Anacleto Soares, da rua Augusta? Era homem de poucas palavras, mas diziam-lhe que boa pessoa. Ainda que não fosse senão para lhe valer n'aquella angustia, talvez lhe fizesse encomenda. Adivinhara. Nem sequer a obrigara a contar-lhe desgraças. Recebeu-a com secura, ouviu-a com os olhos no chão, mas dissera-lhe que sim—que bordasse um par de almofadões, dos melhores, que lh'os aceitava. E que os bordasse depressa, que vinham em boa hora. Custara-lhe... pedira-lhe um «adiantamentinho» para os preparos. Respondera-lhe que não. Isso não, não o fazia a ninguém.

—Não podia ser tudo, não é verdade, Manuel? —continuava ela, ammosa, tirando forças da fraqueza na ancia de o despertar.—E agora estou a começar aquella camisinha, e empenho a capa...

—Para quê, Maria Adelaide?

—Para quê! Para os preparos...

—Mas tens frio. Estás quasi nuá...

Ela riu-se, afirmou-lhe que até tinha calor.

—Olha—e estreitou-lhe as mãos geladas entre as suas mãos febris. E n'uma carícia, avelludando a voz, cheia de fé:—Vês? não tenho frio, meu tolinho. Depois desempenha-se tudo... tudo, han? E até pôde ser que entretanto tu te empregues. Não ha mal que sempre dure...

Ele tossiu, n'uma tosse cavernosa.

—Essa tosse!—comentou a mulher, transmudados a expressão da face e o metal da voz.

—Não tem duvida, ha-de passar.—Ergueu a cabeça, fitou-a:—E os pequenos?

—Estão a dormir.

—Comeram bem, hontem?

Maria Adelaide teve, por sua vez, a sua hora de fraqueza. Sucumbiu também. Retomou a costura, e sentando-se á maquina:

—Sim, comeram... Quer dizer... comeram pouco.—Calou-se, enfiou a agulha a custo, a vista turvada, a mão a tremer. E continuou:—Como o Anacleto me não adiantou os preparos, fui pedir á vizinha que me fiasse o pão. Não houve convencel-a. Nem me lembrei da capa... só hoje me acudiu... Depois... sempre na esperança de que chegasses d'um instante para o outro... de que tu...

—Eu?!

—Ao tornar a casa os pequenos choravam, coitadinhos. Tinham fome.

Calou-se, a recalcar um soluço enovelado na garganta. Manuel aproximou-se, encostou-lhe a cabeça ao seio, fez por lhe devolver o animo de que ela, pouco antes, se privára. Não devia afligir-se. Sim, porque a verdade era que a felicidade não havia de ser só para os outros. Também eles, tão amigos, haviam de aquecer o coração ao seu calor bemfazejo. O não arranjar em Vila Franca o que lhe haviam prometido, não era para que desanimassem. E então os filhinhos teriam muito pão, muita saúde. Deus os livrasse de que todos fossem para eles como os da sua terra. Andara por lá de porta em porta—encontrou-as cerradas, uma a uma, como se esperassem as fúrias d'um saque. Recorrera a todos os amigos—mesmo áqueles que lhe deviam, d'outros tempos. Havia sofrido ultimamente grandes prejuizos. E um porque tinha ainda a mãe doente, outro porque um creado lhe roubara uns moios—todos se escusaram. E todos lamentavam tão amargamente os infortunios proprios, que chegaram a convencel-o de que eram elles os necessitados.

—Meu pobre Manuel!

—Mas o mundo não acaba em Vila Franca. Vou tentar outra coisa... depois te direi o que é...

Calou-se, sacudido pela tosse.

—Valha-nos Deus! Essa tosse, essa tosse!

—Não te aflijas. Eu trato-me, logo que possa trato-me...

—Has-de tratar-te já—afirmou Maria Adelaide, convicta, agarrando-se de novo á costura. E os olhos na maquina, a voz dolorida:—Ah... mas ainda te não disse como calei os pequenos...

—Não disteste...

—Eu tinha dois vintens comigo. Deixaste-me seis... foram bem poupadinhos. Quiz voltar atraz e comprar-lhes o pão. Mas... que queres? tive receio, tive o presentimento de que nada conseguiras. E os pequenos, que haviam comido umas sopinhas de manhã, se gastasse os dois vintens, ficariam hoje sem comer. Nem me lembrei da capa... E' o que temos, agora. O que fiz, foi tornar á vizinha. Levava as lagrimas nos olhos. Nem as viu... voltou-me as costas, não fiou...

—Corja!...

—Coitada, tem o seu negocio... De maneira que, o que havia de fazer? Enganei-os.

—Enganaste-os?!

Ela apertou as mãos á cabeça, e confirmou:

—Sim, Manuel, sim, enganei-os. Não tinha outro recurso. Custou-me tanto! Sentei-me ao pé d'elles... e disse-lhes que dava um vintem a quem se deitasse caladinho...

—Que davas?

—... um vintem a quem se deitasse caladinho. Até se me parte o coração! Os inocentes quizeram ambos o vintem. E deitaram-se, caladinhos... e adormeceram...

Manuel deixou-se cair na cadeira d'onde se levantara. E tossindo, e arrepelando-se, lamentou a triste inutilidade dos seus braços estereis, que nem sequer serviam para impedir que os seus filhinhos adormecessem com fome. Como era amarga e enregelada a vida para os pobres!—clamava, trespassado d'angustia.

Maria Adelaide supplicava-lhe que se calasse. Até Deus o podia castigar. Tinham saúde... o trabalho viria, ela propria já tinha em que trabalhar.

Da alcova, ao lado, chegou-lhes ao ouvido uma vozita debíl, dorida como um choro:

—Mãe...

Tornou a pedir ao marido que se calasse. Entrou na alcova, a medo. D'entre a roupa envelhecida d'uma enxerga que no chão repousava ao lado d'outra enxerga, emergiam as cabecinhas loiras de dois bambinos. Ambos acordados, d'olhos escuros e muito vivos a luzirem na luz crepuscular que uma clara-boia embaciada derramava no aposento, tinham as mãos de fóra, um e outro, uma d'elas muito fechada, como quem esconde. Vendo a mãe, o mais velho suspirou:

—Tenho fome...

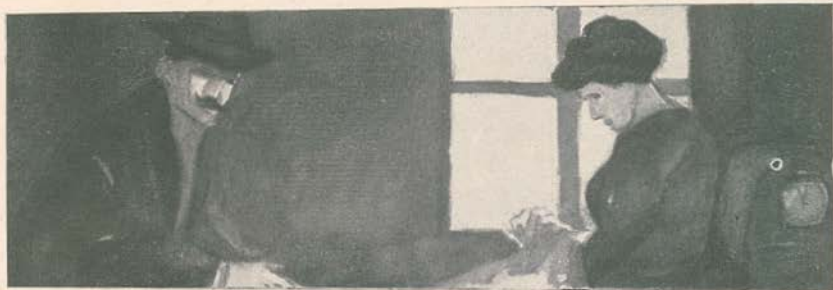
com a obrigação de lh'o restituir no fim do mez, «que o seu homem chegava da terra e não era para brincadeiras».

Do empréstimo tirára o magro sustento da familia—e o indispensavel para a sua obra. Fizeram, quasi toda, por entre lagrimas—por isso as rosas saíram tão frescas, com as suas folhas tão verdes e tão tenros os seus botões, que nem seriam mais frescas, nem mais verdes, nem mais tenros se fossem da terra e o orvalho os órvallhasse.

Como se Deus n'isso ao menos a ajudasse, as suas mãos, ao correrem por sobre o veludo, pareciam tocadas pelo genio de uma fada. Magrinhas e leves, eram duas azas voando. E do rasto do seu vôo as flores surgiam como a querearem seguir, puríssimas, a aza que lhes dera a sua vida e a sua alma.

Até que emfim... ia receber dinheiro, ia pagar a sua dívida, dar uns caldinhos de galinha ao seu doente, comprar uns vestidinhos aos pequenos, e trazer-lhes... sim, sim, havia de trazer-lhes uns brinquedos, um d'esses nadas que custam um vintem e que são uma riqueza para a alegria das creanças.

Quando da agulha nervosa lhe saiu o ultimo ponto, os braços cairam-lhe, n'um abandono. Os olhos arrazaram-se-lhe de lagrimas. Faltaram-lhe as forças para se erguer—por pouco não caía com um desmaio.



E o mais novo, no mesmo tom:

—Tenho fome...

A mãe curvou-se para eles, fazendo-lhes sinal para que a ouvissem. Ajoelhou no sobrado. E n'uma voz muito sumida, como no receio de ser escutada:

—Vá... caladinhos. Eu vou dar-lhes de comer... Mas... —a voz prendeu-se-lhe nos soluços—mas... quem quizer comer, ha de dar um vintem...

E os dois, a um tempo, abrindo os deditos descarnados, deixaram cair sobre a roupa as moedas de cobre que toda a noite conservaram nas mãos fechadas—tesoiros com que por certo sonharam, que durante o sonho lhes franquearam as montras dos bazares, d'onde trouxeram bonecas, comboios, regimentos, trens de cosinha e casas mobiliadas...

Maria Adelaide acabava n'esse dia os dois almofadões. O marido, na alcova, queimado de febre, resonava alto. Os filhos, sentados á janela, construíam barcos de guerra d'uma folha velha de jornal.

Pera uma vizinha, quasi tão pobre como ela, quem lhe emprestára o dinheiro para os preparos—com ele comprara o veludo, as sedas do bordado, o petroleo, á luz do qual passava as noites labutando. Muito espremidinho chegára-lhe ainda para as sopas do jantar dos ultimos dias.

Condoera-se da sua sorte essa providencial vizinha. Ouvindo a chorar por não ter que dar ao marido, «que estava de cama com pontadas no peito», comovera-se, levára ao «peinho» umas arrecadas d'ouro, entregando-lhe o «empréstimo»

Fez, porém, um apelo ás suas energias—e correu a beijar as mãos e a cabeça de Manuel, a abraçar os filhos, a beijar-lhes a boquilha cor de rosa, que se abria, n'um gesto de surpresa.

—O sr. Soares não está—respondeu-lhe o caixeiro, que ela interrogou, com humildade.

—E demora?

—Não sei. O patrão nunca diz se demora. Escondendo o seu trabalho como quem esconde o fruto clandestino d'um furto, Maria Adelaide encostou-se ao balcão, ao fundo do estabelecimento. Esperaria. Doia-lhe a nuca, e os olhos parecia-lhe querearem sumir-se no fundo roxo das orbitas. Esperou perto de uma hora—mal podia ter-se nas pernas, roídas de fraqueza e de cansaço. Não importava—o seu Manuel ia colher allivios, os seus filhos iam ter pão e a aleluia d'um brinquedo. O tempo que esperava, era-lhe penoso só por eles, não pela sua fadiga.

O sr. Anacleto Soares, ao entrar, nem reparou n'ela. Foi Maria Adelaide que se lhe dirigiu, declinando-lhe o nome entre um sorriso e um cumprimento.

—O que deseja a menina?—correspondeu Anacleto, com gravidade, e coçando na curva do abdomen os elos macissos de um grilhão de ouro.

Ela colocou os almofadões no balcão, disse que estava ali o trabalho que lhe encomendara.

—Encomendei?! E' um modo de falar. Eu não encomendo coisa nenhuma. Era o que me faltava! Eu cá encomendas... nem vê-las. Compro o que me serve... e vamos com Deus.

—Sim, eu não digo que... v. ex.º o que disse, quando aqui vim, vai para um mez, foi que... que o fizesse, que com certeza m'os comprava...

—Perdão, santinha!—admoestou o sr. Anacleto, cuja apojadura abdominal lembrava uma vela enfundada.—Eu não dou certezas senão deante da fazenda. Irra!

Maria Adelaide sentiu-se ferida no seu brío de mulher e no seu pudor de verdadeira. Uma onda de sangue estonteou-a, deixando córd de purpura obranco ascetico do seu rosto. Esteve para retirar, respondendo com a muda altivez da retirada á admoestação injuriosa de Anacleto. Mas, com o rebate do impulso, chegou-lhe ao ouvido martirizado a tosse cavernosa do marido, a voz faminta dos pequenos. Conteve-se, concordou. E pediu-lhe que examinasse os almofadões.

O sr. Anacleto ergueu um d'eles na mão grossa e cabeluda. Observou-o, torceu o nariz, pô-lo sobre o balcão, afirmou:

—Não me servem. Não é este o modelo da minha casa. Isto não pega... Pelo menos cá ás frequenzas nem de graça.

E dizendo afastou-se para uma secretária que havia ao centro, onde repousava o livro «Caixa», onde tomou varias notas, na fleugma imperturbavel d'um surdo ao longinquo gemer d'uma aflição.

Ela succumbiu. Não esperava aquilo. Não te-

Calvario. Déra os braços com humildade á cruz do supplicio. Mas o insulto da esponja embebida em vinagre e fel quando pedia agua para a sua sede, encontrava-a desprevenida para a suprema d'r. O seu Manual que lhe perdoasse, que lho perdoassem a vizinha, os seus filhinhos... não iria mais longe no sacrificio.

Aconchegou os almofadões sob o chale da vizinha. Deu as boas «noites», a que o sr. Anacleto respondeu com um monossílabo.

Ao vêr que ela saia, chamou, sem levantar a cabeça:

—Eh, olhe lá...

Maria Adelaide estacou, á espera.

—Entre.

Ela entrou.

—Ora oiça... Pensei no caso.—Levantou-se, foi até á beirada do balcão.—Afinal a senhora precisa... E se não quer ser exigente, fazemos negocio. Arris-o-me a ficar com isso para ahí, sem comprador... Em suma, quanto quer por elles?

O seu intuito era pedir dez mil réis. Era o preço. A attitude de Anacleto, porém, tirou-lhe a coragem. Reduziu a oito.

—Oito mil réis?! Essa agora! Nos tempos que vão correndo...—riu, n'um rir seco e breve. Depois, pintou os tempos com negrumes e asperezas. Tudo pela hora da morte. O commercio estava

uma desgraça. Esfalava-se um homem a trabalhar para viver honestamente e não saia da cêpa torta. Um horror! Nada, nada, por esse preço não lhe serviam.

—Quanto oferece, então?—perguntou: desfalecida.

—Nem ofereço... Para quê? Não nos entendemos.

—Faça favor... ofereça...

Sopezou os almofadões, mirando-os, remirando-os. Esboçou um gesto de desdem; e n'um tom generoso:

—Olhe... dou-lhe cinco mil réis.

—Cinco?!

—Nem mais um real. E é por ter pena de si. Ninguém lhe dá tanto. Senão leve-os, experimente.

Cinco mil réis! Quatro devia-os á vizinha. Ficavam-lhe dez tostões! A que se reduzia o seu sonho e o seu trabalho! Vinte dias de tortura e de ansiedade a troco de dez tostões! E o seu doente sem remedios e os seus filhinhos sem comer! Como a vida lhe pesava e lhe doia!

—E' tão pouquinho, sr. Soares! Ao menos sete!

—Não serve? Leve-os... Nem mais um real!

Aturdida, n'um movimento de pavor, como quem entrega um braço ao cirurgião que vai corta-lo, Maria Adelaide, em silencio, entregou-lhe o fruto do seu suor—que fóra mortificação e que fóra sol bemdito, a entreluzir ao longe, durante vinte noites e vinte dias de fadiga...

E assim, enquanto Maria Adelaide, mais pobre do que ao descer do seu quint'ao andar, se arastava para a mansarda de agonia sem remedios, sem brinquedos, o sr. Anacleto, cofiando o medalhão da corrente, observava ao caixeiro, que o escutava, sorrindo:

—Tu viste, hein? Fazer pela vida é a obrigação. Ganha-se honestamente. Lá roubar é que não... isso nunca, ouviste?

SOUSA COSTA.



ria ficado mais esmagada se ao trepar ao seu quinto andar, ao chegar lá acima, caísse, de repente, a toda a altura das escadas. E o pobre do Manuel em casa a arder de febre e de esperança! E os pobres dos pequeninos a essa hora á espera, d'ouvido á escuta, na ansia dos seus brinquedos! E a vizinha a contar para esse dia, sem falta, com os seus quatro mil réis! Como Deus a abandonava! Entrára ali com a fé de quem entra n'uma igreja, d'onde espera levar consigo saude, felicidade e alegria que não tem, e levava apenas... ai, não, não! Não tinha coragem de regressar a casa sem dinheiro e sem pão. E se lhe falasse ao coração?

—Sr. Soares...—arriscou Maria Adelaide, trandiza de susto, muito envergonhada deante da recusa de Anacleto.—Desculpe-se o incomodo... Não queria incomoda-lo. Se ha-de ser por mais, dou-lh'os por menos. V. Ex.ª oferece... Tenho meu marido muito mal.

—Em sua casa?—inquiriu ele, sem levantar os olhos do «Caixa».

—Em minha casa, sim... Queimado de febre...

—Pois olhe... é porque quer. —E sorrindo, n'um ar de superioridade.—Esse que ahí vê—apontou o caixeiro; que assistia á cena, impassivel—quando adoecer, vai para o hospital. Não são para outra coisa...

Não podia mais. Tinha chegado ao alto do



Presagio

Não sei que fero e mau presentimento
Me faz o coração pulsar aflito;
Esconder não sei mais—e então conrito
Volvo suplice olhar ao firmamento;

A implorar ao Deus sempre Bemdito
Que se cond'ca deste meu tormento,
Fortaleça minh'alma—e dê-lhe alento
Desviando este mal que premedito.

Eu vejo a cada passo,—escuto,—sinto
O mar, na furia de um voraz faminto,
Trazer a preza—o *Benjamin Constant*.

E então, orando fervoroso e crente,
Opondo ao mar—o ceu onipotente,
Acalmo o coração de tanto afan.

OLAVO COUTINHO MARQUES.

(Capitão tenente da armada brasileira
a bordo do «Benjamin Constant»)

O naufragio do "Elvo" em Sardão



1. A rocha em que se presume que o *Elvo* bateu primeiro.—2. Os sobreviventes do naufragio do *Elvo* que ficaram na aldeia de S. Teotonio, a 2 horas de caminho do local do sinistro: John Elsad, americano; Theodor Howski, russo; Edward Nourreiti

Ha pouco ainda sucedia em Sines o naufragio do palhote *Navegan'te* de que não houve a lamentar mais do que perdas materiaes. Ha dias, porém, deu á costa na praia do Sardão, visinha d'Odemira, a escuna italiana *Elvo*, tendo sido victimados onze tripulantes e salvando-se apenas tres de toda a equipagem. Foi nas proximidades do cabo




Os destroços do *Elvo* nos rochedos do castelo

dades do cabo Jordão que se deu o desastre, em vista do capitão do *Elvo* ter querido tirar o seu navio da linha em que vinha um vapor, fazendo-o, porém, descair muito, sendo impedido para sobre o rochedo onde se despedaçou. O marinheiro pretendeu desvial-o, mas o forte vento que soprava não deixou realisar a manobra.



Um grupo de curiosos e alguns salvados do *Elvo*.




O *Elvo* vinha do Mississipi com carregamento de madeiras para Genova.

Na pequena praia onde começaram a os pedaços da escuna des-

dar á costa feita juntaram-se as autoridades maritimas de Vila Nova de Milfontes, grande quantidade de povo de Odemira e de S. Teotonio, que acolheu carinhosamente os tres sobreviventes, um dos quaes é russo, outro dos Estados Unidos e outro mexicano, vindo feridos pela

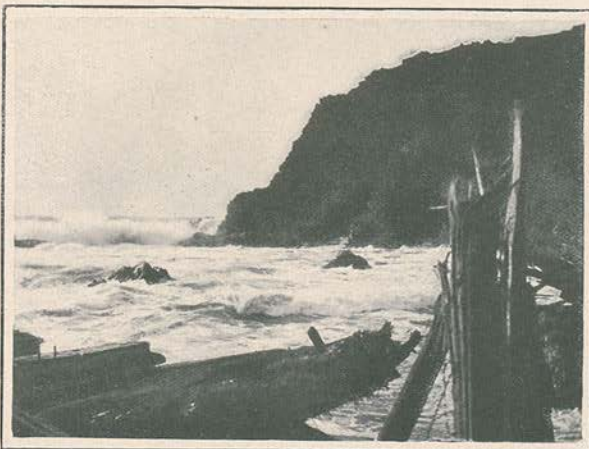
sua luta desesperada ao tentarem salvar-se.

Tornou-se impossivel a salvacao do barco que as furiosamente despedaçando,



ondas vão fests tando a praia cuida dos amente vigiada.

De quando em quando grandes pedaços do navio e do carregamento vêm impelidos até á costa, tendo aparecido algumas das grossas vigas que transportava. Os naufragos foram recolhidos na proxima aldeia de S. Teotonio.



A crista por onde os sobreviventes treparam e que se eleva dos 130 metros na agua. Em baixo um resto da amurada do *Elvo*.



Fotografia tirada do alto dos rochedos em cujos baixios estão os restos do *Elvo*.

O aniversario da Republica do Brazil

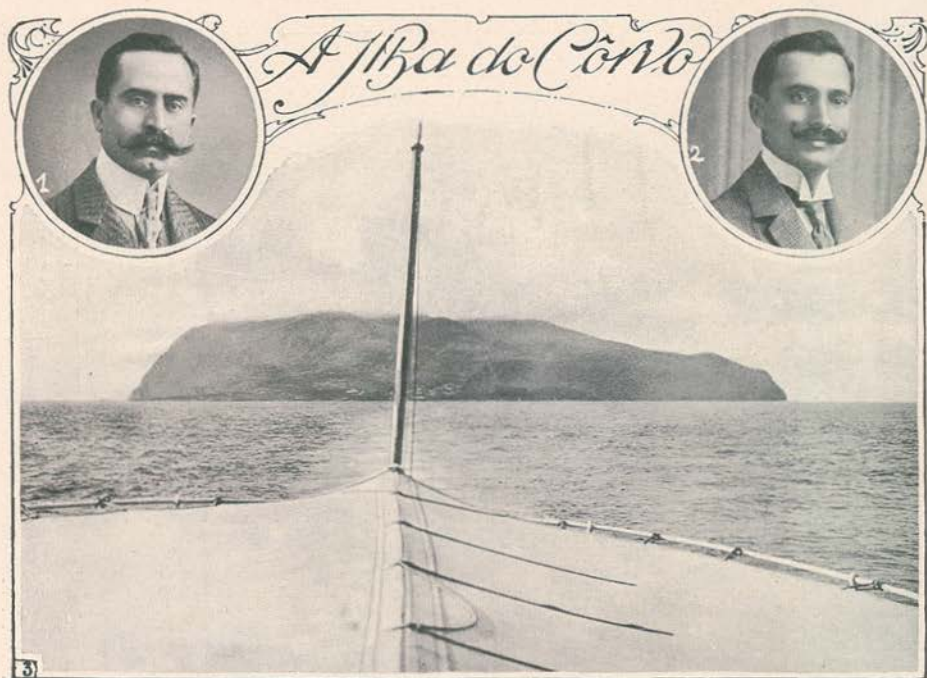


1. O chefe do governo, sr. dr. Afonso Costa e o ministro do interior, cumprimentando o sr. dr. Oscar de Teffé, ministro do Brazil em Lisboa.

2. O sr. dr. Antonio Macielra, ministro dos estrangeiros, cumprimentando o sr. dr. Oscar de Teffé.



3. Os membros da Beneficencia e do Club Brasileiro, no dia do aniversario da Republica, depois de terem cumprimentado o representante do Brazil. Da direita para a esquerda srs: José Nogueira Pinto, Firmino Ferreira Couto Ferraz, João Pereira Machado, Guilherme Pereira Carvalho Junior, Elisio Rego Barreto, Manuel José Cardoso, Alberto Melo Abreu, José Antonio Juca Santos, Guilherme Pereira de Carvalho, dr. Arlindo Correia Leite, dr. Antonio Sarmento Pereira Brandão, Luiz Carvalho Martins



1. Sr. Manuel de Fraga—2. Sr. José de Fraga—3. A ilha do Corvo.—Cliché tirado de bordo do *Fanchal* pelo distinto amador o capitão sr. Eduardo Gomes da Silva

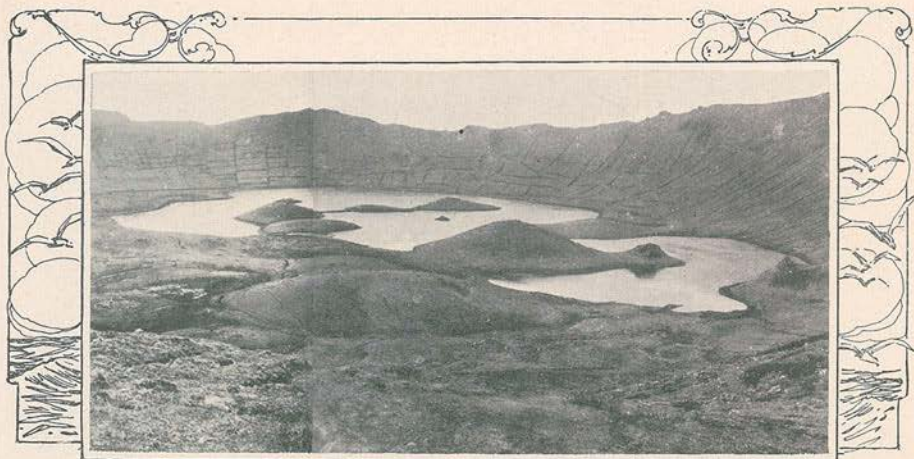
Não foi em vão que descrevemos ha tempo, acompanhada de interessantes fotografias, a situação de abandono em que se encontrava a nossa ilha do Corvo, um dos mais formosos rincões açorianos, habitado por uma santa gente, tão boa de costumes e tão solidaria na luta pela vida, como resignada no meio do seu grande infortunio.

Esse quadro comovente e sem o menor exagero de traços ou de côres, porque já o vimos de perto com

o coração confrangido e as lagrimas nos olhos, parece que impressionou as estações officiaes cujas vistas se voltaram um pouco atentas e compadecidas para a ilha do Corvo, mercê sobre tudo dos esforços, dos corajosos e patrioticos esforços, de dois dos seus filhos, que bem creanças a deixaram, voando em sonhos de fortuna para o Novo Mundo, e não se esqueceram d'ela, quando essa fortuna bafejou de facto o seu trabalho honesto e persistente.



4. Vila Nova do Corvo. A unica povoação da ilha com 763 habitantes e 187 fogos. E' concelho, tem camara, duas escolas e ali todos vivem como se formassem uma só familia



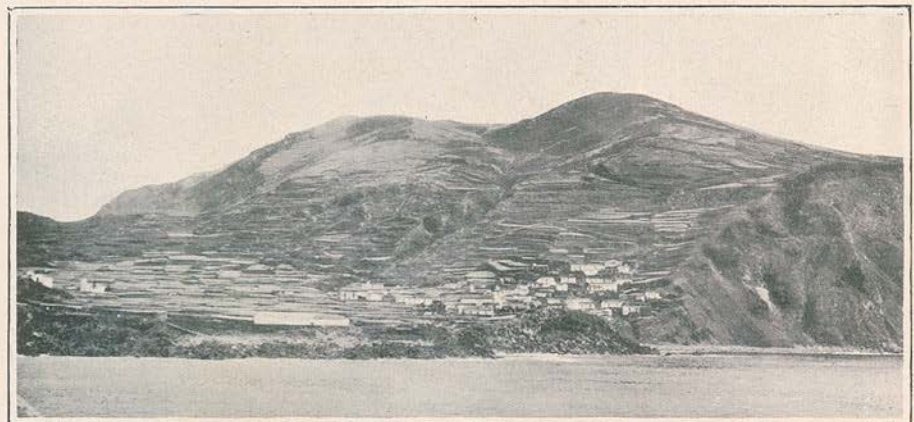
O Caldeirão, lindíssima cratera com 3.700 metros de diametro e 120 de profundidade. A lagõa é navegavel nas duas beiras e as pastagens são surpreendentes.
(Clichés da distinta amadora sr.^a D. Filomena Silva).

São eles os srs. Manuel de Fraga e José de Fraga, dois irmãos, amigos como poucos e como poucos identificados no ideal do bem, na verdadeira compreensão do que é o amor patrio. Amam a sua ilha, como se ama uma mãe: com a mesma ternura, com a mesma absorção do que ela tem de belo, com a mesma inquietação peia sua sorte, com a mesma preocupação para que nada lhe falte. Com o seu regresso do Brazil e com a sua devotada defeza, radiou para o Corvo uma epoca de resurgimento. A transformação do unico e perigoso varadouro, onde tantos barcos se despedaçaram com perdas de vidas, n'um caes de absoluta segurança para passageiros e carga; a criação do notariado, evitando uma viagem cara e trabalhosa, e que ás vezes no inverno se não pôde fazer, para ir ás Flôres, quer legalisar o mais pequeno contrato, quer questões da maior urgencia; a canalisação da agua que em breve satisfará as reclamações angustiosas de tantos anos, quanto á hygiene e á abundancia; a conservação da autonomia administrativa sob o novo regimen, tendo os empregados municipais aceite espontaneamente a redução dos seus ordenados; enfim,

por todos os melnoramentos de que o Corvo se vê, de dia para dia, jubilosamente dotado, teem os irmãos Fraga empregado o seu mais decidido empenho e grande valimento, sendo a sua obra desinteressada coberta efusivamente pelas benções d'aquella gente agradecida—a unica gente agradecida que o grande estadista Mousinho da Silveira dizia ter encontrado em sua vida.

O Corvo não é só belo como um fragmento pitoresco e caprichoso da Atlantide; tambem é belo pelo aspéto primitivo, despretençioso e desalinhado das suas habitações, algumas das quaes seria um crime de lesa-arte substituir. Manuel de Fraga e José de Fraga conservam á de seus paes todo o encanto da sua poesia. Por dentro encheram-na das possíveis comodidades e provaram até onde podiam ir os seus extremos de amor filial; por fóra nem uma pedra lhe mudaram, nem um vestigio de modesta vetustez lhe apagaram, nem uma braça de verdura lhe desgarraram, como se fosse um braço amigo que lhes envolvesse o ninho n'um amplexo meigo e protector.

E' a nota mais adoravelmente simples da sua vida!



O porto da ilha do Corvo onde estão fazendo um pequeno caes de embarque, melhoraemento que só com o advento da Republica se conseguiu e graças aos patrióticos esforços dos srs. Manuel de Fraga e José de Fraga.
(Cliché do sr. Eduardo Gomes da Silva).

Exposição d'agricultura e gado em Loanda

O aniversário da Republica foi festejado em Loanda com kermesses, bodos, reuniões infantis, tudo solemnidades a que assistiu o governador sr. Norton



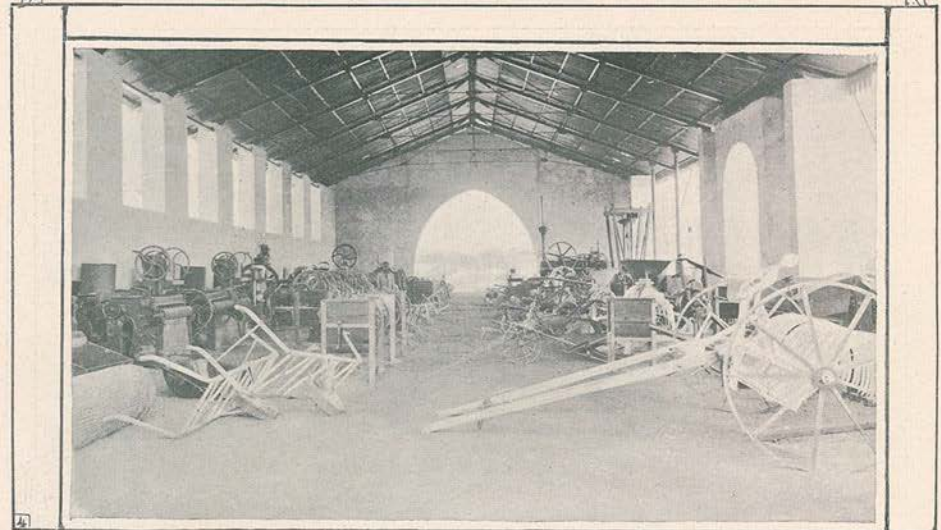
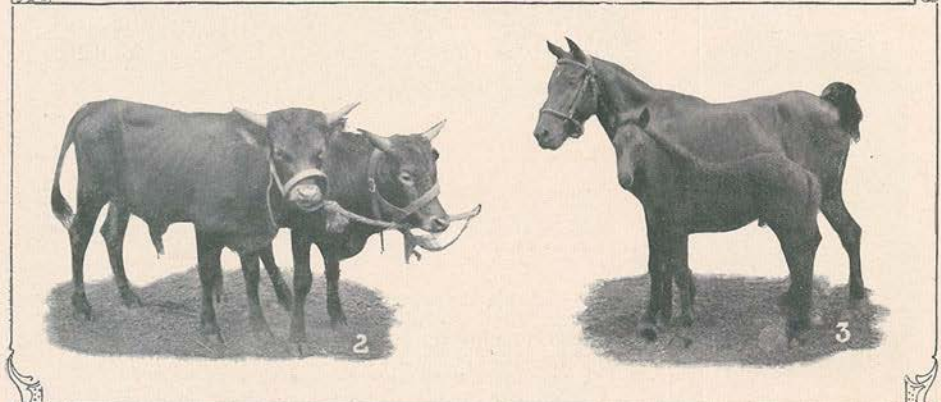
Pessoal tecnico de agricultura de Angola. Da esquerda para a direita srs. Antonio d'Oliveira Moraes, medico veterinario, chefe da secção veterinaria da Inspeção, visconde de Pedralva, inspetor d'agricultura; José de Sousa Monteiro, diretor do laboratorio; Alfredo M. Pereira, diretor dos serviços algoeiros. Em pé os regentes agricolas srs. Santos Pereira, Cruz Ferreira, Sousa Doria, Amílcar Carreira e Lobo de Seabra.



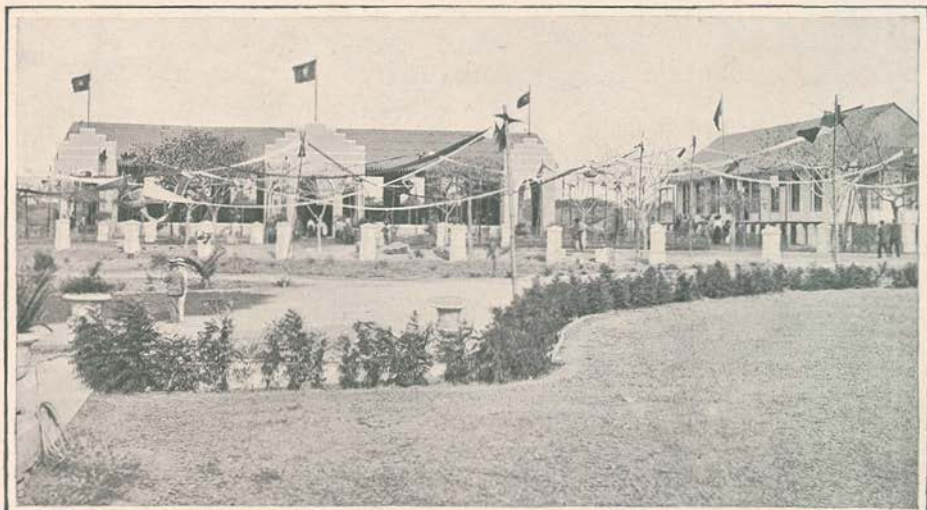
de Matos e sua esposa com os altos dignitarios da provincia. Avultou, porém, como uma nota do desenvolvimento continuado de Loanda a exposição agricola e pecuaria, que foi devida aos esforços do inspetor agricola da provincia auxiliado pelos funcionarios ás suas ordens. Todos os creadores da região, assim como agriculto-



2. A casa da instalação agricola.—3. O governador geral e sua esposa com o inspetor da agricultura sr. visconde de Pedralva á saída do museu no dia da sua inauguração.



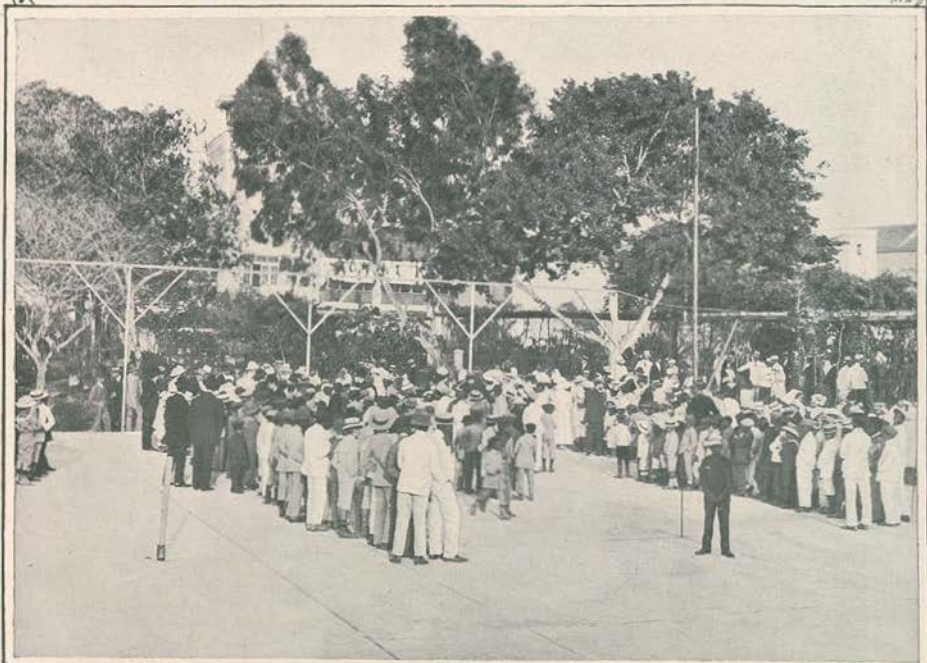
1. Os alunos da Escola Pratica d'Agricultura de Loanda com o Inspetor sr. visconde de Pedralva.
 2. Belos exemplares de exposiçào: Junta de garraios cruzamento alemtejano indigena pertencentes á firma
 l'alhares & Palhares.—3. Egua apoldreda de Antonio Bernardo da Cunha, do Dondo.
 4. A exposiçào de maquinas agricolas



As instalações da exposição de maquinas e produtos agrícolas.

res, comerciantes e industriaes concorreram com especimens valiosos de gado, produtos agrícolas, alfaias e ma-

quinas que ocuparam uma larga extensão em vastos e elegantes pavilhões. Fica essa formosa exposição tendo o



Aspêto das crianças nos jardins do palacio do Governo em Loanda. A distribuição dos brindes aos alunos das escolas a qual foi feita pelo major Norton de Matos, consul de Inglaterra, major Almoso Guerra, capitães Maia Pinto, Proença Fortes, tenente Tomaz Fernandes e pelas sr.^{as} D. Ester e D. Rita Norton de Matos, madame Sacramento Monteiro e mademoiselle Hasenkampf, etc.

(Clicada do distinto fotografo sr. Horacio Ferreira)



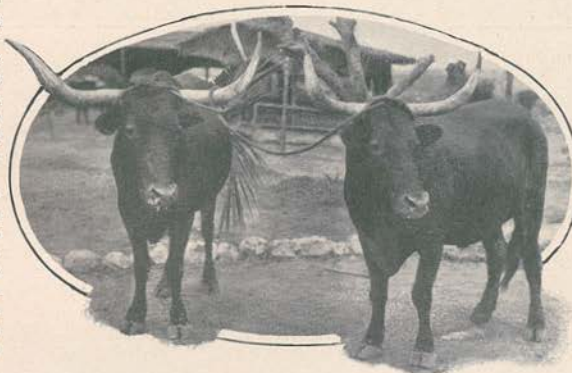
1. Pavilhão da exposição pecuária, secção dos ovinos e caprinos.—2. O pavilhão da secção cavalari.
3. Sala principal do laboratório químico agrícola.—4. Outro aspecto do museu agrícola.



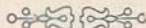
1. Belos exemplares na exposição: Ovelhas e carneiros do Cabo.

caracter de permanente e n'ela poder-se-ha estudar a fauna e a flora de toda a provincia que, como se sabe, tem uma larga produção.

Tambem houve uma tourada cheia de peripecias engraçadas, uma serie de jogos desportivos, iluminações e a encantadora festa



dedicada aos pequenitos, que constituiu a mais bela parte do programa com que se solenizou o aniversario da Republica. Houve ainda uma sessão solene na Escola das Artes Graficas, que muito se tem desenvolvido.



2. Belos exemplares de bois.



3. Parte da manada pertencente aos srs. Ferreira & C.ª de Loanda.

VIDA COLONIAL — Inauguração da fonte de Murdá



Assistencia no dia da inaugu-

ração da fonte de Murdá

Nos arredores da capital da Índia Portuguesa, apenas a um quarto de hora de distancia, demora a freguezia das Mercês. E' esse um passeio dileto e forçado d'um turista ou funcionario que chegue áquella nossa colonia.

Accedendo ao amavel convite do nosso bom amigo e camarada major sr. Francisco Xavier Gomes da Silva, nosso velho conhecimento na Africa Oriental, n'uma radiosa manhã d'outubro metemos-nos n'um trem para Mercês, o qual, atravessando a ponte de Linhares, rapidamente rodou para fóra da cidade.

Estamos no meio d'um vasto campo d'arrozal já alourado e á espera de ceifa. No nosso horizonte destaca-se uma faixa verde em ergindo sob um sol forte, no meio d'ela a torre d'uma igreja com a cruz brucejando nos altos. Um quarto d'hora apenas e entramos na freguezia. Oh! que bendita e vigorosa vegetação! São os coqueiros, as jaqueiras, as mangueiras, os tamarindeiros e outras arvores,

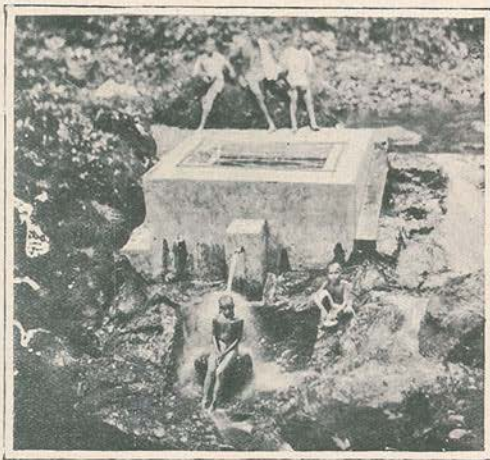


Major sr. Francisco Xavier Gomes da Silva.

que na Índia em estação alguma se desfolham, a entrelaçarem-se, a debruçarem-se, formando por cima da estrada por onde passamos um toldo de verdura. Aqui e acolá, caídas de branco, surgem as casas dos *balcarás* (proprietarios) e uma infinidade d'outras habitadas pelos *manducares*, toscamente construidas com terra amassada e cobertas com palmas de coqueiras.

Estamos emfim no lindo *chalet* do major sr. Gomes da Silva, todo engravado n'um soberbo palmeiral, sua propriedade. E' elegante e de uma simplicidade encantadora esta sua deliciosa vivenda, com todos os confortos desejaveis n'uma provincia. As suas amplas varandas ostentam lindos vasos de plantas floríferas e ornamentaes e o seu pomar uma variedade de frutas.

Depois d'uma animada conversa de dois amigos que se encontram apoz uma prolongada ausencia, servese-nos um opiparo almoço, findo o qual saímos para uma digressão pela freguezia.



A fonte da aldeia de Murdá



Chalet do major sr. Gomes da Silva

Chegámos aos outeiros e parámos extasiados diante d'uma fonte onde uns pastores hindús, com os seus rabichos em desalinho, se banhavam.

Aqui o verde redobra de intensidade indicando a frescura do sítio, notando-se uma infinidade de fetos e variadas especies de arbustos e trepadeiras com lindas flores completamente desconhecidas no nosso paiz, as quais bem podiam fazer a honra os melhores jardins da Europa.

Na India, onde as ardençias solares são quasi insuportaveis em certos mezes, frequentes abluções ao dia tornam-se uma necessidade—é por isso que os livros sagrados hindús prescrevem ao seus crentes abluções diarias antes de cada refeição. E até os idolos dos pagodes são ban-

nhados pelos botos! Informaram-me que a fonte é uma verdadeira providencia para a povoação e as circunvisinhas, principalmente quando a estiagem se prolonga secando todos os poços e reservatórios. Ha pouco o governo local, atendendo a solicitação dos seus habitantes e a bem da hygiene publica, mandou fazer uma pequena construção

que foi inaugurada com entusiasmo, com festejos e folias populares!

Caminhámos ainda e avistámos uma lagõa, onde entrámos no escaler de recreio do sr. major para um passeio. A lagõa, marginando povoados das aldeias de Mercês, Santa Cruz a Cujirá, é linda e pitoresca, vendo-se á superficie das aguas variadas flores aquaticas, os lotus, os lírios, os nenúfares perfumando o ambiente com os seus delicados aromas e entre as quaes divagam para sustento os patos domesticos e bravos.



Figuras do batuque dos hindús no dia da inauguração da fonte de Murdá

Contaram-me que a lagõa é prepeza das aguas pluvias para irrigação do arrozal e produz te- muito apreciados pelos indigenas, e produz te- muito apreciados pelos indigenas,

Subito o sol escondese por detrás do denso palmeiral do povoado de Santa Cruz e despedindo-nos do nosso bom amigo sr. Francisco Xavier Gomes da Silva, voltamos para a cidade com as gratas impressões d'um dia bucolicamente passado na poetica e pitoresca freguezia das Mercês.



Um aspêto da assistencia no dia da inauguração da fonte

Ainda o 5 de outubro no Rio de Janeiro



Foi solenissima a comemoração da data gloriosa de 5 de Outubro no Rio de Janeiro. Os republicanos portugueses festejaram com acen-

drado patriotismo o dia da proclamação da Republica. D'entre os varios numeros que reuniram centenas de patricios, destacam-se



1. Banquete em homenagem ao sr. dr. Bernardino Machado, embaixador de Portugal, no salão nobre da Associação dos Empregados no Comercio, tendo-se o homenageado tendo á sua esquerda os srs. dr. Alcindo Guanabara, João Lage, Antonio de Aguiar, adido de Portugal á legação de Paris.—No medalhão, sr. Carvalho Neves, membro da comissão promotora e orador official do banquete.—2. A sala do teatro lirico durante a sessão civica promovida pelo Gremio Republicano Portuguez, solenizando o 5 de Outubro.

a sessão magna promovida pelo Gremio Republicano Portuguez, no Teatro Lirico, que foi presidida pelo illustre embaixador de Portugal, secretariado pelos srs. dr. Ferreira de Almeida e Agnelo Pessoa, respectivamente 1.º e 2.º secretarios da Legação, e o banquete de homenagem ao dr. Bernardino Machado, organizado por uma comissão de velhos e leaes republicanos. A sessão, assistiu tudo o que de bom portuguez vive no Rio, sem outro ideal que não seja o de respeitar a sua patria no estrangeiro; ao banquete compareceram vultos eminentes da colonia, tendo a animalos com a sua presença, moral e intellectual, o grande jornalista brasileiro Alcindo Guanabara. Na sessão do Lirico fizeram-se ouvir oradores dignos e valiosos. Prestigiaram o bom nome portuguez, o dr. Leoncio Correia, illustre brasileiro, director da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro, que disse maravilhas oratorias do nosso passado, revivendo-o, augurando-lhe um futuro equal, e o sr. Albino



Valadas, orador official do Gremio, que foi eloquente por saber sintetisar as aspirações do povo antes e depois da revolução. No banquete discursaram, além do sr. Carvalho Neves, orador official que exprimiu, precisamente, os fins que a todos ali reunia, com idéas proprias e pensamentos justos, os srs. Alberto Nunes de Sá, orador fluente e castiço, e Armifido dos Reis Calado, antigo lutador do movimento associativo.

Por ultimo fez-se ouvir Alcindo Guanabara, que foi para Portugal de uma grande gentileza, animando-o a proseguir cada vez mais na reconquista do seu nome antigo. Apóz ele, ergueu-se o sr. dr. Bernardino Machado, agradecendo aos assistentes a homenagem prestada.

O 5 de Outubro foi dignamente compreendido e interpretado pela colonia portugueza, republicana, do Rio de Janeiro.

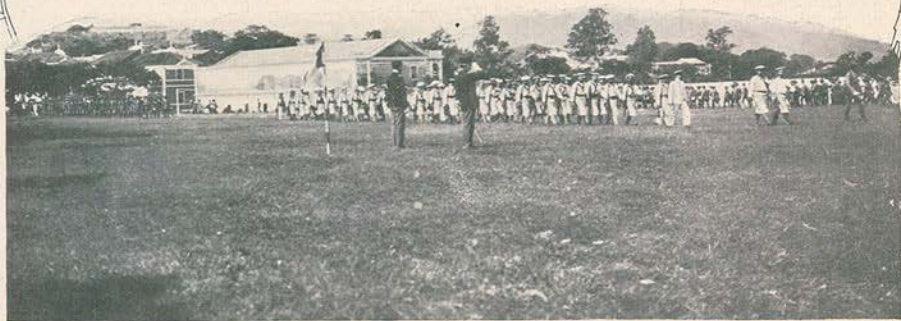
Rio de Janeiro, outubro, 1913.

JOSÉ SIMÕES COELHO.



1. Edifício da Associação dos Empregados do Comércio do Rio de Janeiro em cujo salão nobre se realizou o banquete.
2. A meza da presidencia da sessão civica no teatro Lirico do Rio de Janeiro. Ao centro o embaixador de Portugal sr. dr. Bernardino Machado.

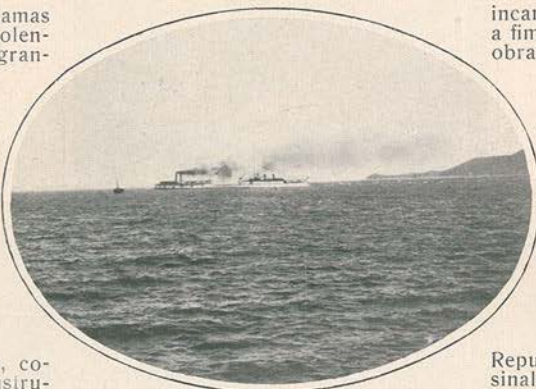
EM MACAU



O governador da provincia, sr. Sanches de Miranda, passando em revista os mar-inheiros da Patria

Como os telegramas noticiaram um violento tufão destruiu grande parte da cidade de Macau, ficando por terra grande parte do muro da Praia Grande, candieiros torcidos, paredes derruidas, havendo tambem alguns desastres no porto.

Depois d'esses temporaes a que está sujeita aquela zona, começou-se a reconstrução dos estragos por eles produzidos, sendo



A Patria e o vapor da carreira de Hong-Kong a Macau fundeados na bahia da Praia Grande

incañavel em os levar a fim a repartição de obras publicas da provincia.

Macau entrou então na normalidade, começando novamente a sua vida de sempre e dentro em pouco já se faziam festividades a que concorriam as primeiras familias da cidade.

As festas da Republica foram ali sinaladas por uma revista militar que se realisou no Campo de



Os marinheiros em marcha



além dos mouros e chinas que constituem as forças indígenas. O governador da provincia, sr. Sanches de Miranda, assistiu ao desfile das unidades que pela sua corre-

Depois do tufão que assolou Macau: Destroços no muro da Praia Grande

Long Ting Ching.

Eram mais de seiscentos homens, entre os quaes iam os marinheiros da *Patria*, a infantaria, artilharia e policia,



ção causaram entusiasmo na numerosa assistencia que ladeava o campo e as ruas do percurso.

A' noite houve illuminações e um grande jantar official no palacio do governo. solenisan- sando-se d'este modo o aniversario do novo regimen.

2. Mais destroços na Praia Grande
3. Os destroços na Avenida da Republica
(Clichés do distinto fotografo amator sr. Adolfo J. d'Eça, de Macau)

A Praia de Ostende

A' praia d'Ostende, na Bélgica, pouco concorrem os portugueses que preferem Biarritz pelo seu clima temperado e pela sua excélcional situação.

E' comtudo uma das mais lindas praias belgas que os estrangeiros frequentam ficando encanta-



1. Banhistas que se divertem



2. A saída do banho.

3. A curiosidade dos banhistas.

4. Uma banhista sorridente.

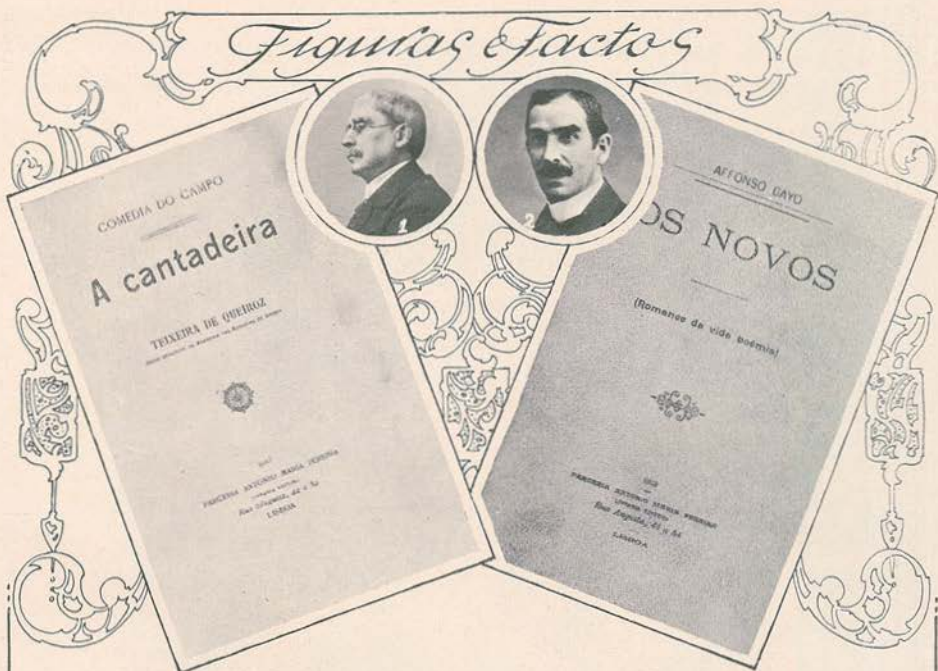


dos com as suas naturaes belezas e com as luxuosas instalações que de ano para ano teem ido guarnecendo aquela bela

estancia
banear
que tem
uma repu-
tação mun-
dial.



Figuras e Factos



1. Sr. Teixeira de Queiroz, o ilustre romancista que acaba de publicar o livro de contos *Cantadeira*.
2. Sr. Affonso Gato, distinto escritor autor do romance *Os Novos* recentemente publicado



3. Sr.^a D. Maritana Madeira, filha do sr. José Lutz Madeira, falecida em Santa Comba Dão.—4. Sr. Jeronimo Minas Mocinho proprietário em Campo Maior e que ali faleceu.
5. Um aspecto do consorcio do sr. Mario Alvaro O'Sullivan Simões com a sr.^a D. Berta Ferreira Draga. Os noivos á saída da igreja de S. Sebastião da Pedreira.—(Clickê de Benoitte)

O sr. barão de Wedel Jarlsberg é um distintíssimo diplomata norueguez, cuja carreira é das mais notáveis entre as do seu paiz. E o novo ministro da Noruega em Lisboa, tendo apresentado ha dias as suas credencias ao chefe do Estado no palacio de Belem onde se dirigiu



a acompanhado pelo secretario da sua legação sr. A. Huitfeldt e pelo tenente da armada sr. Lino de Souza, posto ás suas ordens pelo governo portuguez a fim de o acompanhar á presidencia. O sr. barão Wedel Jarlsberg ofereceu um jantar ao ministerio e ao corpo diplomatico.

1. O novo ministro da Noruega em Lisboa, sr. barão de Wedel-Jarlsberg, á saída do palacio de Belem no dia da entrega das suas credencias (Cliché Benoitte)



2. Sr. Gregorio Esteves, falecido em Lisboa.—3. Sr. Manuel João Costa, pintor decorador, falecido em Lisboa.—4. Tenente-coronel sr. José Augusto da Fonseca Barreiros, falecido em Almida.—5. Menino Joaquim Antonio de Carvalho Junior, de 10 anos falecido ha dias e que no teatro de Messejana em rectas prooavidas pelos seus professores revelou qualidades exceçnaes de ator.



6. Depois da inauguração da escola central feminina de Vila do Conde: No primeiro plano, srs. João Moreno, professor; Domingos de Azevedo, inspetor escolar; D. Maria Moreira, professora; Joaquim Torres, professor; dr. Domingos Ramos, juiz de direito, ensaiador e promotor da festa; José Maria Pereira, caracterizador, e D. Angelina Carvalho, professora.



1. Sr. Manuel Alves Ferreira, industrial, falecido em Lisboa.—2. Sr. Joaquim Faria, empregado dos electricos, recentemente falecido.—3. Sr. Antonio Alvares Ferreira, falecido no Seixal.—4. Sr. Alberto José Soares, empregado do Banco de Portugal falecido em Lisboa.—5. D. Manuel bispo conde de Coimbra, que foi um prelado exemplar e faleceu em 19 de novembro.



Sr. Joaquim Costa. Ilustre poeta, autor do livro *Rosal em Flôr*.

O autor do *Rosal em Flôr* é um distinto poeta cujo nome de ha muito está consagrado, sendo ao mesmo tempo um brilhante prosador. O seu ultimo livro é um excelente trabalho que vem mais uma vez afirmar o valor do sr. Joaquim Costa.

Diante da campanha feita contra a emigração para o Brazil e perante a discussão travada o sr. Moreira Teles, um distinto brasileiro, escreveu e publicou um livro de veras curiosas sobre esta questão, por todos os motivos cheia de interesse.



Sr. Moreira Teles, autor do livro *O Brazil e a Emigração*, recentemente publicado.

O illustre autor das *Palavras Loucas*, o poeta Alberto d'Oliveira, cujos versos na peça *Suaave Milagre* feita sobre o conto de Eça de Queiroz pelo conde d'Arnos são uma maravilha de ritmo e de côr, acaba de publicar o seu primeiro livro de prosa. Intitulam-se *Pombos*



Correios as crônicas leves, doces, com a expressão translúcida d'uma alma que sente decorrer os acontecimentos com uma grande indulgencia e os comenta em frases castiças. É um excelente livro a estreia, como prosador, do illustre poeta Alberto d'Oliveira.



8. O illustre poeta Alberto d'Oliveira autor do livro *Pombos Correios*

9. O historico Convento da Senhora da Rosa, cerca do Monte de Caparica, fundado em 1410 por Mendo Gomes de Seabra e cujos restos acabam de ser demolidos. Diz a tradição que na igreja d'este convento fôra sepultada em 1338, a formosíssima infanta D. Beatriz, filha de D. Manuel, mulher de Carlos III, duque de Saboia, e mãe do celebre general Manuel Felisberto, o vencedor da batalha de S. Quintino.

A festa realizada em Cabeço da Mata pelo abastado comerciante sr. Almeida e Silva revestiu-se d'uma grande cor de alidade, reinando sempre o mais franco entu-

siasmo. Tomaram parte no *pic-nic* as mais gradas familias da localidade.



Depois d'uma festa oferecida, no Cabeço da Mata (Fajão) Arganil, pelo sr. Antonio Mendes d'Almeida e Silva proprietario em Santos, Brazil, aos seus mais distintos conterraneos.



Na sede do Centro Republicano Portuguez no Pará, por ocasião da sessão comemorativa do terceiro aniversario da Republica.

As eleições suplementares em Lisboa

O Partido Democrático obteve uma vitória nas eleições suplementares. Das 37 vagas existentes na camara, 33 foram preenchidas pelos seus



A meza eleitoral que funcionou na Imprensa Nacional.

e dois unionistas, os srs. Vicente Ferreira e Henrique Braz, por Angra do Heroísmo.

Ha, no entanto, duvidas acerca da qualidade d'elegiveis dos srs.



O chefe do governo ◊ votando na assembléa de S. Sebastião da Pedreira.

adeptos, ficando eleitos dois evolucionistas, os srs. drs. Fernandes Costa e Augusto Cimbron, respectivamente por Coimbra e pela Figueira da Foz



A assembléa eleitoral reunida no liceu Camões.—(Clichés de Benollet)

Fernandes Costa e Vicente Ferreira, as quaes serão analisadas pela verificação de poderes. Grand numero de individuos realisou manifestações es-

Os deputados eleitos



1. Major sr. Sá Cardoso, democratico, Viana do Castelo—2. Sr. Manuel Monteiro, democratico, Barcelos—3. Sr. Paiva Mourão, democratico, Vila Real—4. Sr. Cerveira d'Albuquerque, democratico, Bragança—5. Sr. Augusto Nobre, democratico, Porto—6. Sr. Rodrigo Rodrigues, democratico, Porto—7. Sr. José Alves Pimenta, democratico, Porto.



1. Sr. Artur Almêida Ribeiro, democratico, Pinhel—2. Sr. Fernandes Costa, evolucionista, o mais votado em Coimbra—3. Sr. Ricardo Covões, democratico, Lisboa—4. General Sr. Antonio Carvalho, democratico, Lisboa—5. Sr. Luiz Filipe da Maia, democratico, Lisboa—6. Sr. Ferreira do Amaral, democratico, Alcobaca—7. Sr. Henrique de Vasconcelos, democratico, Torres Novas

trondosas
diante das
coletivida-
des do Par-
tido Demo-
cratico e da
casa do sr.
dr. Afonso
Costa, on-
de o sr. dr.
Alexandre
Braga agra-
deceu as saudações ao chefe do governo
de que se achava enfermo.



1. Sr. Alberto Xavier, democratico, Estremoz—2. Sr. Camara Pestana, democratico, Funchal—3. Sr. Bernardo Lucas, democratico, Porto—4. Sr. Henrique Braz, unionista, Angra—5. Sr. Vicente Ferreira, o mais votado em Angra.

Tambem
em Porto e
em outros
pontos do
paiz se fi-
zeram ma-
nifestações
de regosi-
jo tendo si-
do envia-
dos milha-
res de te-
legramas á
presidencia
do conselho
felicitan-
do-o pela
vitoria.



1. Sr. Anibal de Azevedo, democratico, Aldegalega—2. Sr. Luiz Derouet, democratico, Aldegalega—3. Sr. Urbano Rodrigues, democratico, Beja—4. Sr. Antonio Santos Silva, democratico, Aljustrel—5. Sr. Augusto Cimbron, evolucionista, o mais votado pela Pigueira da Foz—6. Sr. Joaquim Portilheiro Junior, democratico, Portalegre—7. Sr. Tierno da Silva, democratico, Elvas.



1. Sr. Domingos Cordeiro, democratico, Gaia—2. Sr. Daniel Rodrigues, democratico, Penafiel—3. Sr. Joaquim Leão Melreles, democratico, Santo Tirso—4. Sr. Julio Sampaio Duarte, democratico, Aveiro—5. Sr. Pedro Chaves, democratico, Estarreja—6. Sr. João de Deus Ramos, democratico, Lamego—7. Sr. João Barros Dias, democratico, Moimenta da Beira.



TEATRO

Não conheço nada mais antipático e pretencioso do que uma portuguesa a imitar uma espanhola. A Espanha traduzida em português fica desmorada, desageitada, desgraçada. O português não *sente* o espanhol, como o espanhol não *sente* o português. Entre os dois paizes pode haver uma permuta de ideias ou uma correspondência de interesses: nunca poderá haver uma troca de sentimentos. A Espanha só é bela em Espanha.



Cenógrafo Salvador Marques

A Andaluzia, que o teatro Apolo nos deu no outro dia, com *A Canção do Trabalho*, está tão distante da Andaluzia dos toiros, do sol, dos frades e das canções, como uma corrida de Sevilha, espetáculo radiante de luz, de san-



A cantora Judice da Costa

zia!... Aqueles frades lembram-nos o sr. Padre Matos e a toda aquela historia falta-lhe o seu principal encanto, que é o regionalismo e a sinceridade. O resto, o que fica, são palavras, guarda-roupa, uma

velha beata, efeitos cenográficos ou musicas e as coristas a rebolarem-se todas para nos darem a impressão da *calle de las Sierras* na rua da Palma.

Mas, mesmo assim, despidida da sua alma andaluz e sem publico andaluz, a *Canção do Trabalho* é uma peça popular, com qualidades para aquela plateia, que o sr. Jorge Grave, um excelente estreatante, fez vibrar com as suas *tiradas* de socialismo agriario e seu furibundo odio ao fanatismo e ao padre. O sr. Grave foi



Maestro Filipe Duarte



No medalhão: O ator Jorge Grave—Final do 1.º ato da *Canção do Trabalho*

gue e de côr, está longe de uma sumida novilhada do Campo Pequeno ou de uma triste parodia de Alges. Bastantes esforços fez o sr. Lino Ferreira, que é a flor dos emprezarios, em cercar a peça de pitoresco; bastantes esforços empregou o sr. Luiz Salvador em colorir e iluminar o quadro andaluz; bem se cansou o sr. Filipe Duarte em movimentar em tom de sevilhanas, de manguenhas e castanholas os numeros da sua partitura; bastantes esforços fizeram os interpretes!... Mas, ai! Andaluzia, Andalu-



O final do 2.º ato da *Canção do Trabalho*

a lei da separação da peça.

No teatro da Trindade, a sr.^a D. Maria Judice da Costa realisoa, na *réprise* da *Princesa dos Dollars*, a nossa profecia. Perdeu as ultimas saudades da Brunilda—e fez-se de vez aplaudir na opereta. Descer é, ás vezes, tão difficil como subir. Descendo de Wagner a Leo Fall, a distintissima cantora triumphou.



Paisagens d'Outono

M... — Depois que as lagaradas do vinho se subdividiram, aqui e além, nas grandes vasilhas arqueadas e já acomodadas, de castanho, olha a terra, a paisagem, no ar livre absorto, rota ao vento humido e abandonada sobre si mesma, como quem se esfalfara em haver creado, com toda a alegria e todas as forças das suas entranhas, o pão, os frutos, o vinho e as flores que as mãos anciosas lhe tomaram e eliminaram, insatisfeitas.

Despem-se de hora a hora as frondes altas, nos campos; e sobre essas ondas vermelhas de folhas mortas cobrindo o vale deserto e as estradas longinquoas, apenas emergem batidos do sol manso das tardes, como triunfadores disciplinados, os penachos de ouro dos castanheiros gigantes, dominando as outras arvores em fadiga, e que sobre aluzazulada das serras parece que são mais fortes, mais nobres e quiçá mais orgulhosas.

Nós deviamolo ter esperado. Quando as primeiras nortadas

vieram do sul sobre o grande arraial das vindimas, nos olhos suspensos das moças fez-se a surpresa de uma admiração meiancolica. Não tardaria o inverno!... E desde essa primeira hora de ventos era de vêr, ativas, anciosas, nervosas d'alegria, como ao expirar nervoso de uma festa de baile e cantares, as moças que se succediam carregadas pela porta vermelha da adega, umas apoz outras e quasi que atropelando-se, insaciaveis de viverem essa vida de fogo e volupia que se contava mais por uns minutos de festa, esgotando-se-lhes nas mãos. Com as ancas requebrando sob o peso de chumbo dos cestos, aceleravam-se febris numa multidão confusa de corpos que iam e vinham, como alucinados. Lembra-te? Eu disse, ao avistar aquela ultima que apertava com ambas as mãos contra a boca, sob um riso bebado, um cacho negro, inenso e mordido das vespas, uma coisa que te fez sorrir de desdem: — O ultimo voto baquico! E era verdade!... Depois, uma tarde, passando os olhos no vasilhame repleto e quieto, cerraste para ti a porta

da adega. Cá fóra, já as folhas voavam sob os primeiros chuviscos cinzentos. A tua gente tirou do ar frio as malgas de marmelada e do calendro, e cerrou a janela. Tu renasceste para a poesia, com o capote de saragoça pelos hombros. Eu, abalei. E era então o outono que incesantemente se dobrava nos campos, despindo as arvores e esquecendo de cisma o perfil enevoado das montanhas.

E agora, na minha casa, de frente aos esqueletos duros das vinhas, eu penso, nostalgico!...

Para o longe das estradas e dos lameiros que enxergo, abandonados, como que escuto, a coarem-se no

vento norte das tardes, os cantos longinquoos dos ranchos das ceifas e das desfolhadas, das romarias e das vindimas, apartados para todo o sempre da estação que jaz miseravelmente sepultada nas tulhas e nas adegas. Aos subitos golpes da ventania eu vejo na paisagem



Alvaro
Fardo, 1902

Carretando pela estrada ramos caídos pelos vendavaes

os troncos tornarem a si com frio, entre os redemoinhos crespos de folhagens ardentes, esses farapos vermelhos da sua louçania, que este outono de repouso e vagabundagem platónica lhes arrancou. romantico e despótico. No ar gelado, então, as nuvens aguadas e baças suspendem-se, num pensar abstracto!... E de quando em quando as aves passam gemendo, n'uma queixa por quem só d'ellas, parece, se ha esquecido. Morrem as tardes sob o mesmo ceu roxo e vago, de aguarela. E foi por isso que eu considerei, pensei dever escrever-te. As nossas noites são enormes; e os nossos dias, agora quasi inuteis, demasiado ralãos e mortos. Vou falar-te, dia a dia, deste tempo que d'aquí decor-



Olhando a paisagem melancolica

rerá até que março, nas suas amendoeiras moças de cõr e de leveza, venha anunciar-nos que de novo tornaram os dias azues e ligeiros. Vou falar-te, a ti proprio como a uma alma de distantes e diferentes destinos, da hora e do palmo da terra com que o meu coração porventura se entender e comover. E verás, posso afirmar-t'õ, o outono adormecer ao longo das grandes varzeas; a casa alegrar-se no bulicio das grandes lareiras; as grandes chuvas fundirem, nas tardes ermas, os ceus e as paisagens com grande drama; verás a neve que avermelha os pés dos pequenitos descalços que vão á escola da aldeia, de saca de riscado a tiracolo; as fontes que se intimidam de cantarem, pécas e babando



Atravessando o riacho das chuvas

Alvão
1912

a nevão; verás as ramagens claras dos adros ruraes e as feiras cheias de guizos do Santo Amaro e da Portelinha; até lá, até essa primavera florida nos vales, e enquanto, enrodilhado em si proprio, por estes tempos de monotonia e de aguaceiros violentos, o meu gato preguiçoso, pesado, cismático, se adormece dia e noite á idolatria do lume bem assoprado e embandeirado!

Acendeu-se hoje a lareira pela primeira vez. Foi tristeza? Foi alegria? Nem sei... O sagrado espirito emocional da casa por certo que se satisfiz, intima e poderosamente. Nós andavamos por fóra, da madrugada ao luar alto, desde que em abril, no vale claro e aberto, uns foguetes nos anunciaram, certa manhã, a primeira romagem. Aqui paravamos apenas para nos servirmos, nas refeições e no repouso, da casa que sempre nos chamava, da casa que sempre tanto nos quiz. Agora, porém, a nossa alma cheia de ingratidões e de egoismos, veio a ter com quem, apesar de tudo, a ale-



1. Arranjando os feixes—2. Ao cair da folha—(Clichés do distinto fotografo sr. Alvão).

gra, a não esqueceu. E o primeiro a instalar-se, a viver com ela, é esse ruminador esquisito, a um tempo tão ansiosamente curioso e tão suscetível dos tedios como eu, que

agora, tendo encontrado o seu logar, se estendeu no capacho velho, e se enrosca e encorpa proximo do lume, adormecendo pelo zunido das lenhas verdes de carvalho. G.

Le Chevalier d'Orsay

Este perfume se harmoniza com o aroma do charuto

D'ORSAY, 17, Rue de la Paix, PARIS

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

"Telikan"

é a Marca Universal para :
Tintas de Escrever
Fitas para Machinas de Escrever,
Papel Carbonico, Borrachas, Collas,
Tintas para Artistas,
Amadores e Escolares.



A venda em todas as boas
casas do Ramo.
Cuidado com as imitações!

ULTIMA INVENÇÃO NORTE-AMERICANA
LUZ A GAZOLINA

Wigard



UNICA QUE ACENDE COM UM FOSFORO COMO O GAZ E TENDO UM PODER ILLUMINANTE DE 500 VELAS. APENAS CONSUME UM LITRO DE GAZOLINA EM 24 HORAS, PEDIR INFORMAÇÕES A PARAIZO, PE-REIRA & C.ª - COIMBRA -
São-se representantes em todos os concelhos



PARA QUE VIVER ?

triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegria, sem felicidade, quando é tão facil obter fortuna, saude, sorte, amor, correspondido, ganhar aos jogos e loterias, pedindo a curiosa brochura gratis, em portuguez, do senhor YTALE, 35, Boulevard Bonne-Nouvelle, 35 - PARIS.

Sederia Schweizer

franco de porte a domicilio.
Ultimas novidades em sedas para Vestidos e blusas bem como em veludos e peluches. Peçam as nossas amostras franco.
Schweizer e Ca., Lucerna E 11 (Suissa)

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE E FISIONOMISTA DA EUROPA

Madame BROUILLARD



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparável em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia e pelas applicações practicas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenigny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) - LISBOA. Consultas a 18000 rs., 28500 e 38000.

PRISÃO DE VENTRE

O unico remedio prescripto por todos os medicos para a cura da *Prisão de Ventre* e de suas *consequencias* é a **CASCARINE LEPRINCE** (uma ou duas pilulas de tarde ao jantar).

Em todas as Pharmacias. - EXIGIR SEMPRE o NOME impresso em cada pilula.

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA



Cabelos fortes, abundantes limpos e sedosos, CINCOENTA ANOS DE CREDITO BEM JUSTIFICADO PERMITE AFIRMAR QUE O

Tonico Amarello com sello **Viteri** Preparação desde 1882 pela PHARMACIA BARRETO. - Suspensão a queda do cabelo, promove o seu crescimento, dá-lhe flexibilidade e desengordura-o, facilitando o penteado das senho-as. **Regenera a cor primitiva.** Tira a caspa e limpa a cabeça de todas as substancias nocivas ao cabelo. Impede a calvície, conserva os frisados e ondatos. Não contém enxofre. **Frasco 700 réis** - Para fora de Lisboa mais 100 réis para porte e registro. **Deposito geral**

VICENTE RIBEIRO & C.ª - 84, R. Panqueiros, 1.ª - LISBOA

PNEU GOODRICH

É O PREFERIDO PELO

VERDADEIRO SPORTSMAN

TODOS OS
AUTOMOBILISTAS QUE
TEEM EXPERIMENTADO

PNEU GOODRICH

NÃO QUEREM
MAIS OUTRA MARCA PORQUE A SUA
QUALIDADE
JUSTIFICA A SUA DEVISA
SUPERIOR
AO
MELHOR

A' venda

Castanheira, Lima & Rugeroni, L.da, Rocio - LISBOA

LAURENCEL & OLIVEIRA, R. Andrade Corvo - LISBOA
ROMARIZ, ABRANCHES & PISTACCHINI, Rua Santa
Marta - LISBOA
MAGALHÃES & MONIZ L.^{DA}, L. dos Loios, 11 - PORTO
ANTONIO FERNANDES & FILHOS - COIMBRA
SIMÕES & FLORIVAL - EVORA

ZENHA & C.^ª - BRAGA
JOSE MARIA DIONIZIO JUNIOR - VIZEU
AUTO GARAGE GOUVEENSE - GOUVEIA
AUTO GARAGE - COVILHA
JOAQUIM MANUEL PICÃO FERNANDES - ELVAS
COELHO & BRANDÃO - VIANA DO CASTELO

AGENCIA GERAL DOS PNEUS GOODRICH, Largo de S. Carlos, 5 e 6 - LISBOA